

EDUARDO SPOHR

**SANTO
GUERREIRO**
— O IMPÉRIO DO LESTE —



VERUS
EDITORA

Constantinopla, 1085 *ab urbe condita*

Prezado augusto,

Hoje à tarde, enquanto celebrava a missa de domingo na Igreja de Santa Irene, pensei em sua mãe e no fabuloso legado que ela nos deixou.

Parece fazer um século desde que Flávia Júlia Helena, então augusta de Bizâncio, me escreveu pela primeira vez pedindo que eu analisasse o trecho inicial da biografia de Georgios Graco. A ideia, segundo ela, era me ajudar com a lista de mártires que eu estava esboçando na época, mas logo entendi que sua verdadeira intenção era outra. O que Helena pretendia, no fim das contas, era elaborar um documento de teor literário descrevendo a vida do santo desde o nascimento até sua morte. Essa iniciativa seria, ainda de acordo com ela, “crucial” para inspirar os fiéis, em um momento em que a Igreja tanto se empenhava em angariar seguidores. Ninguém esperava, contudo, que a augusta fosse adoecer e partir, delegando à minha pessoa a missão de completar o projeto — continuando do ponto em que ela havia parado.

O que posso dizer, em linhas gerais, é que essa tem sido a tarefa mais árdua de minha vida. É verdade que, além de conviver com Helena por meses, tenho acesso, aqui no palácio, às anotações deixadas por ela, que por sinal estão muito bem detalhadas. Informação, portanto, não me falta. O difícil tem sido retratar os fatos de maneira envolvente, como sua mãe tão bem sabia fazer. Escrever é uma arte. A augusta era uma artista; eu sou apenas um redator. Como era de esperar, faltam-me imaginação e criatividade, mas tenho me esforçado para aperfeiçoar meu estilo prosaico, e o resultado é este primeiro tomo, que envio agora ao senhor.

Como já faz dois anos que não lemos sobre Georgios, procurei retomar um pouco da história dele e de outros personagens, sempre que aparecem. Apenas neste fragmento, por exemplo, ressurgem figuras como Zaket, o misterioso engenheiro de Mênfis, e Sexto, antigo colega de Georgios, além de indivíduos perversos, como Räs Drago, Zenóbia e Sevílio Druso, ex-procurador-geral da Nicomédia.

O que mais me surpreendeu, quando comecei a vasculhar os arquivos, foi a transformação que nosso herói sofreu após receber o manto de paladino. Com vinte anos completos, ele não era mais um jovem impulsivo, que se descontrolava sempre que o sangue lhe subia à cabeça. Ciente de suas novas obrigações, e com a experiência acumulada nas terras germânicas, passou a se sentir confortável para agir como um verdadeiro braço do Estado, dando ordens a oficiais graduados, delegando tarefas e combatendo quando era preciso combater.

O trecho a seguir descreve a visita dele ao Egito, a preparação das tropas romanas para o confronto com os persas e a última etapa da libertação da Britânia, conduzida pelas forças de Constâncio Cloro. Considerando que o senhor esteve presente — e combateu — nesse terceiro episódio, peço que me diga se fui fiel aos acontecimentos, tal como eles se sucederam.

Sou um homem religioso e ainda estou tentando separar minhas crenças pessoais do trabalho como biógrafo. Sei que preciso seguir o exemplo de sua mãe e tentar enxergar o mundo de modo mais pragmático, pelo menos enquanto estiver escrevendo. Sendo assim, peço sua ajuda para apontar eventuais exageros de minha parte. É o mínimo que devo não só ao próprio Georgios, mas também à nossa querida e finada mecenas.

Na expectativa de que possamos nos rever em breve. Sinto falta de nossas conversas.

Cordialmente,

Eusébio

I

O PALADINO

De um dos terraços do Palácio de Alexandria, Domício Domiciano, o prefeito do Egito, observava o movimento na região portuária naquela ensolarada manhã de setembro.

Domiciano era um italiano corpulento, mas flácido nos quadris, dotado de um sorriso inocente o qual usava para cativar as pessoas. Ninguém duvidava de que fosse um político sagaz, tendo unido as diversas facções da cidade em um conselho formado por plebeus e patrícios que se encontravam uma vez por semana no Cesareu, o templo em honra a César, construído havia séculos pela legendária rainha Cleópatra.

Com cinquenta e quatro anos, Domiciano costumava descer as escadas lentamente, sobretudo nos dias mais secos — ele suava muito e se cansava com longas caminhadas. Uma vez no jardim, um escravo abordou para avisar que a liteira estava pronta, só esperando que ele embarcasse.

— Liteira? Não! — exclamou o prefeito. Envergava uma toga branca, impecáveis sandálias de couro e trazia na mão um pente de osso, com o qual coçava e ajeitava os cabelos. — O nosso convidado é um homem de ação, do tipo que prefere cavalos a palanquins. Como desejamos agradá-lo, penso que seria melhor — ele fez uma pausa — ir caminhando. Digo, dar pelo menos a impressão...

— Concordo — afirmou um terceiro indivíduo, que se aproximava através dos ciprestes. Era um sujeito maduro, de pele morena e rosto enrugado, com uma cicatriz no lado esquerdo da face. Usava uma couraça polida de bronze, coberta por uma capa vermelha. — Separei um cavalo para ele. Quer montar também?

— Montar, eu? — Domiciano riu de través. — Perdi o jeito. E, a propósito, está quente demais. Um forno!

O homem de armadura, reparou o prefeito, era o general Aurélio Aquileu, comandante da Segunda Legião de Trajano, a tropa responsável pelas defesas do Egito. Como todo soldado, era musculoso, apesar da idade, tinha os olhos azuis e os cabelos curtos, encaracolados.

Domiciano e Aquileu, além de amigos, encarnavam duas faces da mesma moeda — o primeiro cuidava dos assuntos políticos, e o segundo tinha o controle das forças armadas. Juntos, ele podiam realizar qualquer coisa — e com frequência assim o faziam.

— O que descobriu sobre esse paladino? — perguntou o prefeito enquanto contornava um tanque de mármore repleto de juncos e guarnecido por duas estátuas de crocodilo. — Digo, o que ele quer conosco?

O general olhou ao redor para ter certeza de que ninguém os escutava. Naquele ponto, estavam à frente de uma pequena comitiva de escravos, que incluía abanadores, flautistas, um médico e dois secretários com suas plaquetas de cera.

— Não sei — admitiu Aquileu. — Só o que pude apurar é que o imperador está a caminho da Nicomédia neste exato momento. Certamente tem a ver com os persas. Com a invasão da Mesopotâmia.

— Pode ser. — Domiciano não estava convencido. Se o imperador queria a ajuda das tropas egípcias, bastava ter enviado um mensageiro. Por que mandar um de seus guarda-costas?

O grupo andou mais alguns passos, desceu mais algumas escadas e chegou ao atracadouro real. Fundada por ninguém menos que Alexandre, o Grande, depois herdada pelos Ptolomeus, seus sucessores políticos, Alexandria era perfeita para a construção de um porto. Diante da enseada localizava-se a ilha de Faros, que abraçava a baía como se a protegesse. Desse jeito, foi fácil para os engenheiros antigos projetarem uma muralha marinha a norte, limitando o acesso dos barcos, e um molhe a sudoeste, ligando a ilha ao continente — e com isso fechando satisfatoriamente o recôncavo. O verdadeiro desafio, com efeito, talvez tenha sido idealizar o farol, um espetacular edifício de cento e trinta metros de

altura com dezenas de pequenas janelas, todo erigido em pedra calcária. O prédio, tido como uma das sete maravilhas do mundo, afunilava-se em uma torre octogonal, culminando em uma seção circular. Lá, espelhos refletiam o brilho do sol, e à noite o fogo aceso nas salas inferiores projetava luz sobre a orla e seus barcos. Era tudo muito fantástico — sem dúvida —, mas, depois de todos aqueles anos, Domiciano já não se impressionava.

Por volta do meio-dia, uma gigantesca galé começou a manobrar na baía. Era uma quinquerreme, equipada com cinco fileiras de remos e capaz de transportar até seiscentos soldados. Domiciano, claro, já tinha visto quinqueremes antes, mas nunca uma daquele tamanho, com torre de comando na popa, cornetas, escaleres de fuga e uma plataforma de abordagem na proa.

O navio aportou lateralmente. Dele saiu um pelotão de jovianos, guerreiros armados de gládio, portando escudos e protegidos por cotas de malha. Os jovianos haviam substituído os famosos pretorianos como tropa de elite do imperador, e eram totalmente fiéis ao augusto.

Os soldados entraram em forma quando Domiciano avistou um oficial descendo a rampa, pisando em terra e dirigindo-se até ele. Era jovem e musculoso, tinha os cabelos acobreados, cortados à moda romana, e os olhos cor de avelã. Exibia uma armadura de escamas douradas, espada de cavalaria na cinta e uma capa púrpura sobre os ombros metálicos.

Dois homens o acompanhavam: um rapaz bonito, de olhos verdes, vestindo túnica militar, e um indivíduo idoso, moreno, de cavanhaque pontudo, com os cabelos untados a óleo. Esse último trazia um cesto comprido, entulhado de pergaminhos, além de uma bolsa atravessada no peito.

O paladino — que liderava o cortejo — estendeu a mão para o prefeito, que a apertou com um sorriso agradável.

— Ave, César. — Domiciano se apresentou. — Seja bem-vindo a Alexandria.

O oficial manteve o rosto impassível.

— Obrigado. Como os senhores já devem saber — ele cumprimentou Aquileu com um aceno de cabeça —, meu nome é Georgios

Graco, emissário imperial.

— Sim, excelência. — O prefeito assentiu. — Nós sabemos.

— Se não se importarem, prefiro que me chamem de comandante — pediu Georgios —, em referência ao meu título militar.

Aquileu entrou na conversa:

— Posso perguntar onde o senhor serviu? Como um companheiro de armas.

— Fui tribuno da Trigesima Legião de Trajano — respondeu o paladino. — Na Germânia, em uma fortaleza às margens do Reno.

— Germânia? — Domiciano se esforçava para ser cordial. — Não sei como está aguentando este calor, então. Deve ser terrível para alguém que viveu tanto tempo embaixo de gelo.

— Nasci na Palestina — revelou Georgios. — Estou acostumado — disse, depois apontou para seus acompanhantes. — Quero que conheçam Zaket — ele se referia ao homem idoso —, o secretário do divino augusto.

Domiciano estava prestes a saudá-lo, mas percebeu que Zaket trazia uma placa de bronze sobre o peito em que se lia “Caio Aurélio Valério Diocleciano”, o que o classificava como escravo do imperador.

— E esse — Georgios indicou o soldado de túnica rubra — é Opélio Cassiano, meu assistente.

— Devem estar cansados — imaginou o prefeito, entrelaçando os dedos. — Por favor, venham comigo. Vou levá-los aos seus aposentos.

Seguidos pela comitiva de escravos e pela escolta militar, Georgios, Zaket e Cassiano acompanharam o prefeito e o general de volta ao palácio. O complexo, que pouco havia mudado desde os tempos ptolomaicos, era de uma opulência excessiva, que beirava o ridículo. Colunas de mármore negro dividiam lugar com estátuas de deuses antigos, obeliscos, incensários de prata e altares de ouro maciço. Os jardins tinham muitos metros de extensão, e os salões contavam com cortinas de seda, longos divãs e tapetes de pele de tigre.

No momento em que entraram em um dos corredores, Georgios sugeriu ao prefeito:

— Já passou da sexta hora, excelência. — Para os romanos, a sexta hora indicava o exato momento do sol meridiano. — Meus homens precisam de comida e repouso. O que acha de marcarmos uma audiência para amanhã cedo, no Cesareu?

— Não imaginava que o pronunciamento do senhor seria assim tão solene. — Domiciano espantou-se. — Tem certeza de que é necessário convocar os notáveis?

— É sempre o melhor a fazer — opinou Georgios. — Reduz especulações e evita rumores, que em geral são péssimos para qualquer governante. De todo modo, é apenas uma sugestão.

— Concordo com o senhor Graco — pontuou Aquileu, com firmeza. — Seja qual for o anúncio, a cidade acabará sabendo. Melhor ouvir direto da fonte.

Domiciano arregalou os olhos, como uma criança ansiosa para abrir um presente.

— O senhor está me deixando curioso, comandante — disse para Georgios. — Sorte que adoro um bom suspense.

— Não se trata de fazer suspense, prefeito — esclareceu o paladino. — Estou apenas seguindo o protocolo.

— Claro. — Domiciano ergueu os braços. — Foi exatamente o que quis dizer.

O grupo chegou à ala residencial do palácio. O quarto de Georgios era tão grande que mais parecia um daqueles imensos salões. Zaket e Cassiano ficariam com ele — havia espaço de sobra —, e os jovianos ocupariam os aposentos contíguos, que ganharam camas extras para abrigar o pelotão.

Domiciano os convidou para almoçar, mas Georgios declinou, explicando que ainda tinha muito trabalho a fazer antes da reunião do dia seguinte. Os anfitriões se despediram, então, e foram caminhando até o refeitório. Depois de tomarem distância, o prefeito, amargo, quei-

xou-se com Aurélio Aquileu:

— Detesto esses oficiais. Não têm senso de humor. São como esfinges, impenetráveis.

— Calma. — O general deu de ombros. — Este foi só um primeiro encontro. Outros virão.

— Estou preocupado, confesso. Que maldito anúncio será esse?

— Saberemos amanhã.

Domiciano resmungou:

— Quantos anos ele deve ter? Uns vinte? No máximo vinte e cinco. É um pirralho — sussurrou. — Como o imperador pode dar tanto poder a um garoto?

— Alexandre conquistou o mundo antes dos trinta — lembrou o militar, insensível. — Um fato histórico.

— Não gostei dele — desabafou. — É só o que posso dizer.

— Claro que não gostou.

— Claro? Fui tão óbvio assim?

— Eu o conheço há anos — continuou Aquileu. — O problema não é a idade ou o senso de humor, é que você não conseguiu conquistá-lo. Não foi capaz de arrancar nada dele, nem mesmo um sorriso. Estou certo?

O prefeito aquiesceu, a contragosto.

— Está certo. — E complementou, como se estivesse cansado: — Detesto esse tipo de gente.

— No seu lugar, eu ficaria tranquilo. Estamos em casa. O Egito é nosso, no fim das contas. Lembre-se de que o imperador depende de nós. Sem os grãos que cultivamos no Nilo, Roma passa fome. Nem Domiciano seria tolo de nos desafiar.

— Creio que tem razão.

— Eu sempre tenho razão.

Domiciano pareceu se acalmar. Os dois haviam chegado ao re-

feitório, um espaço aberto com muitos divãs, de frente para o jardim e com o farol brilhando contra o céu de outono. Sobre uma mesa, havia carne de crocodilo, duas cestas de figo, vinho tinto e frutos do mar.

O prefeito serviu-se. Os amigos beberam sozinhos.

Depois, almoçaram.

O primeiro encontro entre Domiciano e Georgios Graco foi, realmente, carregado de expectativa e tensão.

Essa era a ideia desde o princípio. Georgios não podia ser amistoso porque trazia notícias desagradáveis — pelo menos para os atuais administradores do Egito. Para que suas ordens fossem cumpridas, ele precisava ser inflexível, caso contrário daria espaço para que os políticos tentassem suborná-lo — o que o forçaria a prender todos eles.

O que ninguém tinha notado era que, apesar de parecer uma “esfinge”, Georgios precisava conter a emoção ao afirmar, no porto, ter nascido na Palestina. Ocorre que seis anos antes seu pai, Laios, morreria em combate na Germânia. Quando soube da notícia, um de seus rivais, um ex-centurião chamado Räs Drago, invadiu a propriedade da família na cidade de Lida, perto de Jerusalém, assassinou Polychronia, a mãe de Georgios, e roubou suas terras. O garoto conseguiu fugir e, com a ajuda de Strabo, seu pedagogo, chegou à Nicomédia para pedir a proteção do imperador, que o inscreveu na Escola de Oficiais do Leste. Georgios se tornaria, assim, um cavaleiro, depois tribuno militar e, enfim, um paladino, isto é, um dos homens mais próximos do Augusto, autorizado a falar — e a matar — em nome do Estado.

Embora fiel à sua missão, Georgios ainda sonhava em recuperar o que Drago lhe havia roubado. O que ele não sabia era que, nesses anos todos em que estivera ausente, o ex-centurião e seus capangas haviam dominado não só a cidade, mas também os arredores. Como não era um patrício, ou seja, não possuía títulos ou influência política, Drago resolvera que seria muito rico, tão rico que poderia contratar suas

próprias tropas. Depois de se apoderar da fazenda e do campo de oliveiras de Laios, adquiriu mais escravos, ampliou o terreno e se tornou, com o tempo, o maior fornecedor de azeite do Oriente romano. Claro que, para garantir a hegemonia na área, ele recorreu a métodos nada ortodoxos. Desapropriou terras, demoliu aldeias, ameaçou concorrentes e subornou burocratas para que as engrenagens do Império girassem sempre a seu favor.

Para enriquecer ainda mais, só o que lhe faltava eram alguns navios, com os quais esperava escoar a produção para a Itália e a Grécia. Comprar os barcos não seria o problema — a questão era obter uma licença para operá-los no porto de Cesareia Marítima, o maior da Palestina.

Quem tinha autoridade para conceder tais licenças era Marco Salústio, o comandante da Décima Legião do Estreito, uma das unidades mais antigas do exército romano. Salústio, além de militar, era um próspero comerciante de sal, pois detinha o monopólio de exploração das salinas do Mar Morto. Sendo assim, Drago fez contato com ele, que aceitou o convite para comparecer à sua fazenda em uma manhã escalante de agosto.

Ciente de que Drago tinha a própria milícia, Salústio chegou ao local acompanhado de quinhentos soldados. Para sua surpresa, porém, Drago se revelou um anfitrião caloroso, apresentando a ele a propriedade e a casa principal. Enquanto cavalgavam pelo campo de oliveiras, mostrou ao convidado diversas ruínas — restos de armazéns, pedaços de templos e até as muretas de um antigo cemitério judaico — que haviam sido demolidas para a ampliação da lavoura.

— Um belo trabalho — elogiou Salústio, puxando as rédeas e freando o cavalo. Era um sujeito pequeno de cabelos grisalhos, com um nariz grande, triangular e convexo. Usava túnica militar, mas não portava armas, pois confiava na escolta que trazia consigo. — As oliveiras estão muito bem tratadas.

— Obrigado. — Drago sorriu. Comparado a Salústio, ele era um gigante. Nascido na Dácia, uma província abandonada pelo Império

Romano, tinha as sobrancelhas louras e os olhos cinzentos, o que o fazia se parecer com um germânico. — Mandei trazer alguns escravos agrícolas diretamente do Egito. Foi um investimento alto, mas rendeu frutos.

— Percebe-se. — Salústio estendeu a mão e um de seus cavaleiros entregou-lhe um odre de água. Era um dia seco, e estavam todos montados. — Essas árvores são muito resistentes. Florescem mesmo em climas áridos. Em Jerusalém, onde eu moro, estão em toda parte.

Drago assentiu e chamou Salústio para almoçar. Eles retornaram à casa grande, que era na realidade um complexo com várias construções, cercado por muros de tijolos e com dois grandes pátios: um dianteiro, ao redor do pavilhão dos senhores, e um traseiro, onde se localizavam os estábulos, o chiqueiro, o alojamento dos escravos e alguns armazéns, além de um picadeiro para o treinamento de cavalos. Havia ainda outras estruturas e uma horta particular, o que fazia da Vila Fúlvia, como era chamada pelos locais, uma espécie de comunidade autossustentável, capaz de produzir praticamente tudo o que Drago necessitava.

Depois de comerem, os dois homens foram até um dos gabinetes para falar de negócios. O ambiente era escuro, com uma janela alta e gradeada no canto norte e estantes abarrotadas de pergaminhos nas paredes leste e oeste. No meio desses rolos havia uma estátua empoeirada de bronze retratando a figura da Lupa Capitolina, a famosa loba que, segundo a tradição, amamentara os meninos Rômulo e Remo.

Drago sentou-se à escrivaninha e ofereceu a Salústio a cadeira à sua frente. Esse último havia posicionado dois de seus legionários na porta e mais dois no corredor, com a intenção de intimidar o dono da casa. Drago, no entanto, em vez de se aborrecer, parecia se divertir com tais atitudes.

— Seus homens são bastante vistosos, general — disse a Salústio. — Imagino que deva tê-los treinado muito bem. Jerusalém é uma cidade estratégica. Deve ser uma honra comandar a Décima Legião do Estreito.

Salústio fechou a cara. Ele sofria de gota, um tipo de reumatismo que ataca as articulações — em geral as do pé —, às vezes impedindo

que o doente se levante da cama. Salústio, portanto, não poderia treinar suas tropas e entendeu o comentário como uma afronta.

— Meu caro — ele suspirou, depois engoliu o ar como quem engole um desaforo —, que tal irmos direto ao assunto?

O gigante dácio recostou-se na cadeira.

— Como quiser — disse. — Por que não começa?

— Estou disposto a conceder a licença que o senhor necessita. O preço — cravou — é cinco mil talentos de ouro.

Drago guardou silêncio. Levantou-se, andou calmamente até uma das prateleiras e acariciou a estátua da loba, que brilhava à luz do sol vespertino.

— Soube de homens que conseguiram essa licença por menos de dois mil talentos.

— É verdade — confirmou o general, petulante.

— E por que eu pagaria cinco mil?

— Porque os indivíduos aos quais se refere são romanos legítimos, nascidos na Itália. E o senhor é um germânico.

— Sou dácio. — Drago voltou a sentar-se, demonstrando frieza. — Nasci no sopé dos Montes Cárpatos.

— Para mim, vocês são todos iguais — rebateu Salústio. — Se-
rei sincero, pois não sou homem de meias palavras. Eu não gosto da sua gente. Não gosto do jeito como têm se infiltrado no Império, com seus costumes selvagens, trazendo seus deuses selvagens. O senhor sequer escolheu um nome romano ao entrar para o exército. O que prova que é e continua sendo um selvagem.

Drago sorriu.

— Será que eu sou o único selvagem nesta sala?

Salústio reagiu:

— Como é?

— Circulam rumores de que o senhor tem sangue judaico.

O convidado se levantou com um pulo, o rosto vermelho, crispado de ódio.

— Como se atreve? — protestou. — Meus antepassados eram italianos. Está tudo registrado no tabulário de Roma. Quem foi o patife...

— Calma. — Drago fez um gesto pacífico, pedindo que o comandante tornasse a se sentar. — Foi só uma pergunta.

— Do mesmo modo — Salústio deu o troco —, correm boatos de que o senhor roubou esta propriedade de Laios Graco e assassinou a esposa dele. O que tem a dizer a respeito?

— Nunca assassinei mulher alguma. — Era verdade. Quem tinha matado Polychronia, mãe de Georgios, fora Hron, o filho dele, à época com dezesseis anos de idade. — Desafio qualquer um a provar o contrário. E, quanto à Vila Fúlvia, ela caiu nas minhas mãos legalmente, com o desaparecimento do único herdeiro legítimo da família.

— Que seja. — O convidado sentou-se novamente. — O meu preço é cinco mil — repetiu, furioso. — Ou o senhor me paga, ou continua fazendo comércio deste lado do Mediterrâneo. E eu não vou facilitar as coisas. Os meus homens terão ordens para taxar os seus carregamentos sempre que encontrá-los na estrada. Um décimo dos lucros, o que acha?

— Eu tenho uma contraproposta — pontuou Drago. — O senhor me concederá a licença de graça, em respeito à nossa amizade. E me ajudará com o transporte de azeite, disponibilizando suas carroças para levar as ânforas até Cesareia Marítima ao menos três vezes por semana.

Salústio deu um riso de incredulidade.

— O senhor é louco. — Ergueu-se da cadeira e andou até a porta. — Passe bem.

Já ia saindo quando se deparou com um homem alto e gordo, de barba negra, exalando um forte cheiro de aguardente. Como não estava armado, os guardas permitiram que entrasse. Salústio reparou em seus dentes de ouro e no tapa-olho que lhe cobria parte da face.

— Por Júpiter. — O general deu um passo atrás. — Quem é este gorila?

— Bufo Tauro — Drago o apresentou —, meu secretário.

— Diga para ele sair da minha frente — exigiu o pequeno Salústio. — Ou eu chamo os meus guardas.

Bufo Tauro liberou a porta ao mesmo tempo em que estendia a Drago um lenço que trazia nas mãos. O centurião cheirou o tecido como quem cheira uma rosa. Salústio, ao ver aquilo, deteve-se.

— Está reconhecendo isto, general? — perguntou Drago.

O comandante ficou pálido. Soltou um pigarro.

— Como? — balbuciou. — Onde...?

— O senhor tem uma filha de doze anos, certo? — prosseguiu o magnata, sem se alterar. — O nome dela é Macrina. Uma jovem de grande talento.

— O que... — Salústio estava em choque. — Como conseguiu esse lenço? Responda, em nome das Fúrias!

Drago e Tauro se entreolharam, trocando sorrisos.

— Como eu disse, sua filha é uma moça inteligente. Uma harpista formidável. Os talentos dela estão sendo desperdiçados em Jerusalém, sem professores para orientá-la. Proponho que ela passe a viver aqui, na Vila Fúlvia, onde será tratada como uma princesa. E, quando a idade chegar, encontraremos um bom marido para ela. — Drago colocou-se de pé, a mão sobre o peito. — Prometo, em nome de todos os deuses, que ela terá tudo do bom e do melhor.

Salústio seguia petrificado. Estava claro que os capangas de Drago haviam capturado Macrina e a mantinham em seu poder, em algum cativeiro secreto. Se ele não recuasse, a menina seria morta. Salústio amava a garota. Era sua única filha.

— Promete q-que... — gaguejou — jura que — tremeu — vai tratá-la bem? Que garantias eu tenho?

— Naturalmente o senhor e sua esposa poderão visitá-la. Uma

vez por mês. Desse jeito aproveitamos para pôr as finanças em dia.

Salústio não respondeu. Ele não tinha escolha, na verdade. Drago procurou animá-lo. Foi até ele, deu-lhe um abraço e dois beijos na face.

— Seremos amigos — acariciou-lhe as costas —, afinal somos todos romanos.

Enfim Salústio deixou o gabinete, sem dizer palavra. Drago e Bufo Tauro permaneceram lá dentro. Depois de um certo tempo, o barbudo comentou:

— Como foi fácil enganar esse imbecil. — Sua voz era grave, embora morosa pelo excesso de álcool. — Faria de novo, se o senhor ordenasse.

— O importante é que temos a garota — disse Drago.

— Sim — concordou Tauro. — É uma beldade, aliás.

— Ela vai gostar daqui — determinou. — Quero que compre algumas escravas domésticas com o ouro que receberemos de Cesareia no próximo mês.

— Grécia e Itália. — Bufo Tauro esfregou as mãos. — São excelentes mercados.

— O que me preocupa é o Chipre. — Drago estava agora pensativo, olhando fixamente para a estátua da loba. — Precisamos pensar em uma estratégia.

— Com certeza, patrão — disse o capanga. — Desta vez nada vai nos deter — garantiu. — Nada.